



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

O conteúdo colaborativo na cobertura da pandemia do coronavírus no CETV

Paulo CAJAZEIRA
José Jullian Gomes de SOUZA
Paulo Henrique Rodrigues de SOUZA
Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, Ceará

Resumo

O presente estudo consiste em refletir acerca do uso de imagens produzidas por meio de dispositivos móveis pelo telejornalismo local durante o primeiro trimestre da pandemia da Covid-19. Como objeto de análise escolheu-se o telejornal CE 1 da TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo de Televisão no Ceará. Reflete-se sobre a reconfiguração do jornalismo televisivo, a partir de seus modos de funcionamento e formatos narrativos, com base em estudos dos autores Cajazeira (2014) e Canavilhas (2017) quanto ao uso de novas ferramentas técnicas de registro do real (celulares, *smartphones* e *tablets*) para a aquisição de competências na produção de conteúdos e a crescente interferência dessas mensagens na produção das reportagens audiovisuais.

Palavras-chave

Documentos audiovisuais; dispositivos móveis; telejornalismo local; uso da informação.

Introdução

O Ceará foi um dos principais focos de entrada do novo coronavírus no Brasil, em razão do alto fluxo de passageiros em voos internacionais vindos da Europa com destino a Fortaleza. Por isso, foi um dos primeiros a adotar medidas restritivas de circulação das pessoas, como forma de conter a disseminação do vírus.

Com a finalidade de cumprir os protocolos sanitários da Organização Mundial de Saúde (OMS), a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) orientou que os profissionais evitassem locais considerados de risco, como: (a) qualquer tipo de



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

estabelecimento de saúde; (b) lar para idosos; (c) casa de uma pessoa doente, alguém com problemas de saúde ou alguém que possa estar grávida; (d) necrotério, crematório ou serviço funerário; (e) zona de quarentena, isolamento ou bloqueio.

Essas medidas tiveram impacto direto na rotina de produção dos jornalistas. O período de análise deste estudo compreende os meses de março, abril e maio de 2020, o primeiro trimestre de cobertura jornalística da pandemia da Covid-19. Foram vistas edições do telejornal local CE 1. Por se tratar de um acompanhamento de desdobramentos evolutivos ascendentes e descendentes de uma crise sanitária de escala global, procura-se compreender os recursos utilizados pelas equipes de jornalismo para terem acesso às imagens em zonas interdidas por causa do risco de contaminação.

Objetivos

O objetivo principal deste estudo é refletir sobre o uso de imagens produzidas por meio de dispositivos móveis no telejornalismo local durante a cobertura da pandemia do coronavírus no Ceará. O problema de pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: em que medida a utilização de imagens de arquivo colaborativas contribuem na produção de reportagens durante a cobertura jornalística da Covid-19? Acredita-se, por hipótese, que o distanciamento social e os cuidados de prevenção ao contágio do novo coronavírus impactam na produção jornalística na televisão. As imagens colaborativas produzidas por entrevistados contribuíram com as narrativas da cobertura jornalística da pandemia.

Metodologia

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, documental e exploratória. Utiliza-se da análise do conteúdo, a fim de verificar os tipos de imagens identificadas no *corpus* analisado, que são as edições do telejornal CE 1 entre os meses de março e maio de 2020.



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Resultados, discussão e análise

A pandemia da Covid-19 revolucionou o telejornalismo. De repente, o repórter não pôde mais chegar perto do entrevistado. Foi preciso usar dois microfones direcionais. O repórter ficaria com um, e o entrevistado, com outro microfone, segurando com as mãos devidamente higienizadas. A nova forma de entrevistar respeita o distanciamento social, uma das medidas de prevenção ao coronavírus. Não foi a única mudança. O repórter teve que começar a usar máscara, uma maneira de reduzir o risco de contágio.

O repórter de TV precisa estar no lugar onde a notícia acontece. Em telejornalismo, o repórter precisa estar na rua e, ao estar na rua, aumenta o risco de contaminação. Por isso, o repórter precisa usar máscara, mas ela tem que ser branca ou de uma cor neutra, que não chame atenção, que não faça o telespectador tirar o foco da informação.

Outra mudança causada pela pandemia é que repórteres e cinegrafistas passaram a evitar locais com aglomeração. A fila do banco com pessoas em busca do auxílio emergencial poderia ser mostrada de longe. Entrar num abrigo de idosos nem pensar. Era muito arriscado para os idosos. Os hospitais também precisam ser evitados. Oferecem muito risco para a equipe de telejornalismo. É melhor gravar só na frente da unidade de saúde.

Mas era preciso fazer jornalismo, ouvir pessoas, contar histórias reais. Como fazer isso mantendo o distanciamento social e sem poder estar no local? A pandemia que vai marcar o século XXI está acontecendo num momento em que os dispositivos móveis que gravam imagens se tornaram populares e capazes de compartilhar com rapidez e qualidade. A tecnologia se tornou aliada do telejornalismo. Nunca se usou tanta imagem de celular no telejornalismo. E esses documentos audiovisuais pessoais têm colaborado para contar histórias, para narrar os fatos dessa pandemia que mudou tudo, inclusive o telejornalismo.



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Foram entrevistados jornalistas que trabalham na redação do telejornal local. Editores, produtores e repórteres trazem experiências em relação à cobertura da pandemia e de que forma os documentos audiovisuais pessoais se tornaram ainda mais comuns do que já eram, já que a colaboração vem sendo uma tendência do telejornalismo (Cajazeira, 2014). No caso de 2020, pelos relatos dos entrevistados, é possível dizer que o documento audiovisual pessoal produzido por dispositivo móvel se tornou, em algumas coberturas, essencial, imprescindível para que o fato fosse noticiado.

Este conjunto de fragmentos do real representado pelas imagens gravadas pelos colaboradores têm sido de todo tipo, desde sonoras (no jargão televisivo, a fala gravada do entrevistado), passando pelas imagens de apoio (no jargão, imagens do entrevistado que antecedem sonoras e em que o entrevistado é apresentado numa fala em *off*) e ainda imagens comuns, mostrando locais onde o fato ocorre. Essas imagens complementam a estrutura das reportagens e dão cadência à narrativa ao evidenciar os fatos do presente na cobertura dos *offs*. Considera-se, neste estudo, o conteúdo colaborativo como lugares de memória que auxiliam no processo de edição das informações.

A partir da análise de conteúdo, é possível categorizar esses documentos audiovisuais apreendidos por dispositivos móveis de duas formas: 1) espontâneos (gravados pelo público/audiência e enviados às redações de TV) e 2) solicitados (gravados a pedido das equipes de jornalismo). Ou seja, têm-se, diante da pandemia, duas situações distintas no processo de apreensão e envio de conteúdo colaborativo na produção das reportagens: 1) o engajamento voluntário ou espontâneo e 2) o engajamento solicitado. Essas situações de participação já existiam antes da crise sanitária, contudo, o que chama a atenção é a necessidade continuada do documento audiovisual colaborativo na estrutura das reportagens da cobertura da Covid-19.

O estudo buscou também compreender os desafios de profissionais de TV na cobertura da pandemia da Covid-19. As inquietações profissionais na atualidade estão relacionadas ao processo de produção e edição dos documentos audiovisuais pessoais. Conforme orienta a pesquisadora Cárilda Emerim (2018, p.12), “[...] a imagem está



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

intimamente ligada ao domínio do simbólico e é esta uma das razões essenciais para a sua produção, afinal, ela se insere em meio ao espectador (ser social) e a realidade”. E a autora continua ao afirmar que:

[...] em relação ao real, Arnheim (1980) propõe distribuí-las a partir do peso/poder ou valor que lhe é possível atribuir, assim: o valor de representação – refere-se aquela imagem que representa coisas concretas, com referência no mundo real; o valor de símbolo – refere-se àquela que representa coisas abstratas, sem referência no mundo real; o valor de signo – refere-se àquelas imagens que representam um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela.

Também segundo Emerim (2018, p.12), orientada por Martiny Joly (2010) e Jacques Aumont (1993):

[...] as imagens têm funções que as englobam em três grandes categorias: 1) o modo simbólico – àquelas que servem de símbolo para dar acesso a diferentes mundos: o religioso, o sagrado; para veicular novos valores associadas às novas formas políticas, tais como democracia, progresso; 2) o modo epistêmico – àquela que traz informações (visuais) sobre o mundo, que assim pode ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais; 3) o modo estético – àquela que é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações específicas.

As imagens e os testemunhos destes documentos audiovisuais pessoais complementam as reportagens no período da pandemia, de modo *epistêmico* com informações relevantes sobre a realidade, que podem apenas ser contadas pela intervenção do colaborador no processo de produção. O modo *estético* oferece sensações de identificação do espectador com a representação do real, ao verem a situação nos hospitais e o testemunho de profissionais de saúde, pessoas curadas da doença e parentes das vítimas - ou seja, o olhar de quem está vivenciando de perto essa situação.



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Considerações

Este estudo propõe a reflexão sobre o impacto da pandemia do novo coronavírus sobre a produção do telejornalismo local. As medidas restritivas de circulação de pessoas atingiram o trabalho dos profissionais da imprensa, que tiveram que encontrar alternativas para cobrir os fatos a distância. Por meio da análise do telejornal CE1, da TV Verdes Mares, somada a entrevistas com colaboradores do noticioso, verificou-se que o uso de documentos audiovisuais pessoais se tornou mais comum durante a pandemia, seguindo uma tendência do jornalismo chamado colaborativo já identificada por outros estudiosos.

Referências Bibliográficas

- BISTANE, Luciana., BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005
- BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CAJAZEIRA, P. **O jornalismo colaborativo no telejornal com as novas mídias digitais**. 2011. 156 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- DANTAS, I. H.; ROCHA, H. C. L. da. Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. (orgs.). **Jornalismo móvel: linguagem, gênero e modelo de negócios**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2017. p. 61-82.
- EDMONDSON, R. **Arquivística audiovisual: filosofia e princípios**. Brasília: UNESCO, 2017.
- EMERIM, C. et al. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.
- JOLY, M. **Introdução à análise de imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- MUSSE, C. F.; THOME, C. A. **Telejornalismo e poder: memórias (re)construídas pelo Jornal Nacional**. In: EMERIM, C.; FINGER, C.; PORCELLO, F. (orgs.). **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 328-340.
- NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, jul./dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 9 abr. 2020.



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

SIQUEIRA, F.; VIZEU, A. **Jornalismo em transformação: as escolhas dos formatos das notícias na TV.** In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **Telejornalismo em questão.** Florianópolis: Insular, 2014. p. 53-76.

TEIXEIRA, J. F. **Jornalismo audiovisual com e para dispositivos móveis:** um estudo das aplicações no smartphones nos processos e produtos jornalísticos das emissoras de televisão no Piauí. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2019.